

COMO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO PODE CRIAR BARREIRAS NA APRENDIZAGEM

LARISSA DOS REIS PEREIRA

Estudante universitária do curso de Licenciatura em Letras.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover a reflexão de como o preconceito linguístico pode contribuir consideravelmente para com as barreiras na aprendizagem. A base para esse estudo foram as obras de grandes autores brasileiros e linguístas, como Graciliano Ramos, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Marcos Bagno e Ferdinand de Saussure, respectivamente. As obras fazem alusão às mais variadas formas de se expressar, revelando a diversidade que há no país e como essas diferenças podem ser criticadas, menosprezadas e perseguidas. A partir da leitura dos textos foi feito um levantamento dos pontos mais importantes destacados pelos autores, e com base nisso, é possível compreender o quão problemático pode ser o preconceito linguístico já enraizado na população, como isso reflete na barreira da aprendizagem e exclui uma grande parcela da sociedade de se expressar e de se fazer ouvir, tendo em vista que, aqueles que não falam o português considerado padrão, acabam sendo ridicularizados e diminuídos, como se a forma como aprendeu a se comunicar fosse inválida. Sendo assim, é vital evidenciar que as mais variadas formas de se expressar possuem valor e deverão, sim, ser aceitas e respeitadas, assim como aqueles que as utilizam.

Palavras-chave: Diversidade. Aprendizagem. Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

This study aims to encourage reflection on how linguistic prejudice can significantly contribute to learning barriers. The foundation of this research is based on the works of renowned Brazilian authors and linguists, namely Graciliano Ramos, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Marcos Bagno, and Ferdinand de Saussure. These works refer to the various forms of expression, highlighting the diversity present in the country and how these differences can be criticized, underestimated, and marginalized. Through an analysis of these texts, the most significant points emphasized by the authors were identified. Based on this, it is possible to understand how deeply rooted linguistic prejudice is in society, how it reinforces learning barriers, and how it excludes a large portion of the population from expressing themselves and being heard. Those who do not speak the so-called standard Portuguese are often ridiculed and diminished, as if the way they learned to communicate were invalid. Therefore, it is essential to highlight that all forms of expression hold value and must be acknowledged and respected, along with those who use them.

Key words: Diversity. Learning. Linguistic Prejudice.

Variedades Linguísticas e Preconceito

O Brasil está repleto de falantes das mais variadas formas da língua portuguesa, principalmente a oral. É possível observar cidadãos conversando com traços de um português popular e também de um mais culto, este geralmente visto em uso por pessoas de classes mais altas. De norte a sul, há tantas maneiras de se expressar que apontar apenas uma forma como correta seria um grande equívoco. Mesmo que estejamos condicionados a enxergar o falante da forma culta como o “mais correto” e “melhor”, é importante compreender que não devemos encarar formas distintas da maneira culta como erradas, e sim como diferentes, ou, dependendo do contexto, inadequadas. A maneira considerada “errada” ou até mesmo “feia” de se comunicar, acaba sendo vista dessa forma a partir do momento em que a norma-padrão é considerada como a maneira global de comunicação, como ressalta

uma passagem do livro “A Língua de Eulália”, do autor Marcos Bagno:

“No momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas ‘impróprias’, ‘inadequadas’, ‘feias’, ‘erradas’, ‘deficientes’, ‘pobres’... E esta norma-padrão passa a ser designada com o nome da língua, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes desta língua”. (Bagno, 2008, p. 26)

E essa visão acaba sendo dirigida às pessoas de falas mais humildes, provenientes de regiões mais afastadas de centros urbanos e, muitas vezes, carentes de recursos básicos, como a educação. Em lugares assim, a educação formal e o ato de “falar corretamente” não possuem a mesma importância que o trabalho para prover o sustento do lar, por exemplo. A realidade desses cidadãos torna-se mais penosa, e estudar é frequentemente visto como um objetivo distante ou de difícil acesso.

Essa situação é retratada, por exemplo, na obra de Graciliano Ramos, “Vidas Secas”, em que os personagens enfrentam uma vida de miséria no sertão nordestino. Carentes e sem acesso aos seus direitos básicos, como alimentação, saúde e educação, Fabiano, um dos personagens centrais da trama, vê em um de seus conterrâneos o reflexo de um homem admirável, cuja forma como vive é mais digna de respeito do que a sua, devido à sua fala. Pode-se identificar a visão de Fabiano na seguinte passagem do livro:

(...) “Certamente aquela sabedoria inspirava respeito. Quando seu Tomás da bolandeira passava, amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se. (...) Em horas de malaqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo”. (Ramos, 2024, p.22)

Fabiano considerava “seu Tomás” como um modelo a ser seguido. Ele até mesmo o imitava, tentando se aproximar de uma fala que considerava ser a certa. Por viver uma realidade diferente, Fabiano não achava ser possível obter sucesso ao experimentar um novo vocabulário, não havia “nascido” para realizar tal feito. E, infelizmente, é essa a visão que muitos jovens brasileiros possuem. São doutrinados a enxergar no outro a “perfeição” enquanto se veem como “errados” e “inferiores”.

Graciliano Ramos retrata cirurgicamente a desigualdade social que segue marginalizando os menos favorecidos. Os quais acreditam que mudar a sua fala é suficiente para que toda a sua realidade seja transformada, sem considerar nenhum outro aspecto social, pois essa é a “verdade” advinda daqueles que não possuem consciência de classe e que nunca experimentaram uma realidade diferente da que estão inseridos.

Empatia e Reconhecimento Cultural

Em meio a tantas realidades, é muito comum, e triste, perceber como essas pessoas são marginalizadas e vistas como inferiores por pessoas que se consideram melhores, geralmente aquelas que tiveram melhores oportunidades. A partir disso, percebe-se que quando a sociedade exclui, menospreza e desvaloriza essas pessoas, barreiras na aprendizagem da língua são criadas, fazendo com que esses cidadãos continuem sendo privados de expressar suas opiniões, compartilhar suas ideias e construir laços, uma vez que acabam sendo ridicularizados por simplesmente serem quem são e por exporem a realidade a qual foram submetidos por toda a vida.

Evidentemente, se faz necessário o ensino da norma culta da Língua Portuguesa nas escolas e instituições de ensino superior, devido à necessidade de utilizar essa norma em algum momento de nossas vidas ou carreiras, como na leitura e compreensão de uma obra literária ou para que seja possível ministrar alguma palestra. Contudo, o que não deve ser feito é considerar como inaceitável a forma popular de se falar, principalmente quando se compreende a mensagem que deseja ser passada. Não há necessidade de comprometer a integridade ou causar uma situação vexatória ao cidadão que deseja comunicar-se simplesmente por ele ter utilizado palavras simples e cotidianas.

Uma autora comumente citada ao abordar a intolerância linguística é a renomada especialista em sociolinguística, Stella Maris Bortoni-Ricardo. A autora reforça a ideia de que essa forma de preconceito colabora com o aumento da desigualdade entre os cidadãos, além de debater sobre como a variedade linguística deve ser encarada em sala de aula, uma vez que a conscientização de que há tantas formas de se expressar deve ser aplicada em qualquer ambiente. Uma passagem de seu livro, “Nós cheguei na escola, e agora? Sociolinguística e educação”,

confirma o pensamento da estudiosa:

“A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais formas de dizer a mesma coisa. E mais que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade”. (Bortoni-Ricardo, 2005, p.15)

Reconhecer as diferentes formas da língua agrega tanta riqueza quanto saber se comunicar de maneira formal e rebuscada. Enaltecer o jovem a expressar-se, mesmo que de maneira simples, reflete o quão essencial é o protagonismo do aluno, seja em sala de aula ou ao enfrentar o mundo. Aceitar que a forma de se expressar de pessoas em situação de vulnerabilidade é válida e suficiente, demonstra a empatia que devemos ter ao nos depararmos com realidades distintas das nossas. Além de plantar a semente do reconhecimento cultural, demonstrando que sua vivência e realidade não o tornam menos merecedor de reconhecimento e respeito.

Humilhação Fantasiada como Lição de Vida

Com relação aos preconceitos em salas de aula, é possível encontrar ilustrações de como os estudantes do Nordeste, por exemplo, são expostos a ambientes que frequentemente os oprimem e os fazem se sentir menos do que são e do que podem ser.

Essa triste realidade, na qual muitos estudantes são privados de voz ativa em sala de aula, de expressar seus pensamentos e compartilhar suas ideias, também é retratada em canções, como na música “Xote do estudante”, do cantor Luiz Gonzaga. Na música, composta para evidenciar como uma parcela dos estudantes é vista no ambiente escolar, ele denuncia:

“Na escola o professor ouvia a nossa voz
Mandava calar a boca e dizia assim:
‘Você não pode falar assim!’
Cuidado, estudante, com a boca aberta,
Você tem que aprender o português do jeitinho certo.”

Mesmo sendo lançada nos anos 50, a mensagem ainda se faz atual. O preconceito contra a forma popular de se falar reflete o quanto estamos condicionados a uma única visão da Língua Portuguesa, a de que somente a norma culta importa. Perpetuar esse pensamento faz com que limitemos a visão de mundo dos jovens, pois o que a sociedade lhes mostra é que a maneira como ele aprendeu a falar, até aquele momento, é errada e desprezível. Não considera sua luta, seus costumes e sua cultura.

Seguindo essa mesma vertente, o linguísta suíço Ferdinand de Saussure, conhecido como o “pai da Linguística Moderna”, ressalta em seu “Curso de Linguística Geral”, a necessidade que sentimos de tomar como certa apenas uma variação da língua, desconsiderando as demais. Como podemos observar quando o estudioso diz o seguinte:

“(…) é, pois, um erro supor que, após ter-se reconhecido o caráter falaz da escrita, a primeira coisa a fazer seja reformar a ortografia. O verdadeiro serviço que nos presta a fonologia é permitir que tomemos certas precauções no tocante a essa forma escrita, pela qual devemos passar para chegar à língua”.(Saussure,1997, p.44)

Com esse trecho é possível compreender que ainda há uma valorização excessiva da norma escrita em detrimento da oralidade. A ideia de que a ortografia deve ser corrigida imediatamente ao se constatar suas falhas em representar a fala, justamente pelo fato das variações serem vistas como “erradas” simplesmente por não seguirem a norma-padrão. Além de desconsiderar que há circunstâncias variadas para o uso da língua, pois nem sempre será necessário utilizar a forma culta, o importante, acima de tudo, é compreender a mensagem que deseja ser transmitida.

Barreiras na Aprendizagem na Língua Portuguesa

A partir do momento em que oferecemos ao aluno um ambiente seguro, onde ele possa e queira mostrar ao mundo como pensa e como ele se expressa, estamos vencendo uma importante batalha. O jovem periférico, ou que não possui acesso à educação de qualidade, não costuma ter sua voz ouvida, ou ao menos considerada, em meio às demais.

A visão de que ensinar o “português correto” às crianças irá mudar toda sua realidade é ultrapassada e simplista. Um ser humano que não possui seus direitos básicos assegurados acaba tendo preocupações muito maiores do que “saber falar corretamente”. O autor Marcos Bagno reforça essa ideia em uma passagem da obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz”, em que diz:

“Achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela ‘suba na vida’ é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana” (Bagno, 1999, p. 90).

É vital e humano buscar enxergar além da nossa realidade. Não projetar no outro a nossa visão sobre o que é certo ou errado, especialmente quando se trata da forma de se expressar. É necessário empatia e humildade para que seja possível acolher o jovem que já enfrenta inúmeras dificuldades em seu dia a dia, e que não precisa que a Língua Portuguesa seja mais uma delas.

Contudo, sabe-se que essa visão representa antigos costumes e uma forma de ver o mundo bastante restrita, baseada em preconceitos que vão se perpetuando até que haja o rompimento dessa visão ultrapassada. A cada estudante que consegue ser ouvido e acolhido pelos demais, tendo seu esforço reconhecido e sua luta validada, um passo à frente no que diz respeito à quebra das barreiras na aprendizagem é dado, uma vez que incentivar o jovem a se expressar e ser ouvido já representa uma grande evolução em meio a uma realidade ainda tão preconceituosa e limitada. Essa ideia é confirmada por outra passagem do livro de Marcos Bagno:

“[...] Isso se prende aos velhos preconceitos de que ‘brasileiro não sabe português’ e de que ‘português é difícil’, veiculados pelas práticas tradicionais de ensino. Esse ensino tradicional, como eu já disse, em vez de incentivar o uso das habilidades linguísticas do indivíduo, deixando-o expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita, age exatamente ao contrário: interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva), cuja consequência inevitável é a criação de um sentimento de incapacidade, de incompetência” (Bagno, 1999, p. 133).

É necessário, além de entender a importância da pluralidade de formas de se expressar, colocar em prática a empatia em relação às inúmeras pessoas que lutam diariamente para conseguir um espaço na sociedade onde não serão julgadas e diminuídas. É essencial que saibamos diferenciar as circunstâncias às quais somos submetidos, e entender o papel da Língua Portuguesa em cada caso, para que não deixemos de lado alguém que se difere dos demais por uma questão de contexto social e oportunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre as diversas formas pelas quais o cidadão brasileiro aprendeu a se comunicar. Seja pertencente a uma classe social mais elevada ou não, é possível visualizar a riqueza que cada indivíduo traz ao iniciar uma conversa, revelando traços, muitas vezes familiares, e outros frutos de estudos constantes. Contudo, independentemente de como alguém se expressa, o que realmente importa é o acolhimento e o respeito, principalmente aos que não se consideram merecedores de tais atos, uma vez que a linguagem, elemento primordial de identidade, não deve ser vista como uma porta de entrada para julgamentos e discriminações.

A sociedade, como um todo, não deve permitir que pessoas que se comunicam de maneira mais simples e informal sejam marginalizadas e desrespeitadas. É necessário que uma visão mais atual e inclusiva sobre a linguística seja adotada, para que a fala não seja entendida como objeto de poder apenas daqueles que tiveram melhores oportunidades, e sim para que todos os membros da sociedade tenham a possibilidade de se expressar como quiserem, sem que haja desvalorização enquanto cidadãos ativos de uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos.** *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris.** *Nós chegamos na escola e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo. Parábola, 2005.
- GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto.** *Xote do estudante*. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1949.
- RAMOS, Graciliano.** *Vidas secas*. 1ª ed. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2024.
- SAUSSURE, Ferdinand de.** *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.